

Uma ponte para a reinserção:

Casa do Meio Caminho



Localizada no concelho de Santo Tirso, a Casa do Meio Caminho disponibiliza uma residência de inserção social e um conjunto de atividades que trabalham as competências pessoais, sociais e profissionais dos seus utentes, de uma forma individualizada, com o objetivo de os dotar das ferramentas necessárias para uma efetiva reinserção social. Dependências foi conhecer esta estrutura, guiados por Eduarda Ferreira e Carla Ferreira, as duas técnicas ao serviço deste projeto que acolhe seis utentes em regime permanente e várias outras pessoas numa valência de ocupação de tempos livres durante as tardes.

Por que surgiu a ideia da criação desta resposta em Santo Tirso?

Nós já trabalhávamos na Associação de Moradores de Ringe e tínhamos alguma procura na área das dependências para encaminhamentos para inserções profissionais após tratamentos. A Associação de Moradores de Ringe está sediada num bairro social onde a problemática era bastante presente e, quando o IDT, à altura, abriu candidaturas e definiu este território como área prioritária, entendemos aproveitar essa oportunidade para trabalharmos a área da reinserção. Fizemos uma candidatura com a Cruz Vermelha, que pretendia investir na área da prevenção, ao passo que nós passámos a intervir no eixo da reinserção...

Vocês recebem os utentes apenas depois de terem passado pelo processo de tratamento?

Idealmente, numa fase pós tratamento, com três meses de abstinência. Mas a prática não é essa. Temos, por exemplo, situações em que fazem uma desintoxicação alcoólica de 15 dias e vêm para cá, assim como temos utentes que estão em tratamento de substituição opiácea

que são encaminhados para nós porque, efetivamente, a prática nem sempre se coaduna com a teoria no que concerne aos timings e necessidades que os doentes têm na realidade. Temos muita gente sem retaguarda familiar, sem espaço habitacional e este acaba por ser um recurso muito usado nesse sentido.

Quando fala em utentes de programas de substituição, quer dizer que também asseguram essa valência?

Sim, também o fazemos... O apoio de saúde é efetuado pelos técnicos que estão na consulta descentralizada, que dispõe de psiquiatra e enfermeiro que faz o acompanhamento aos nossos utentes.

Sendo esta uma estrutura intermédia entre a comunidade terapêutica e a inserção plena na sociedade, que tempo é projectado para a sua estadia?

Idealmente, seis meses. O nosso regulamento define esse prazo para trabalharmos estas vertentes, sendo que a pessoa já viria mais estruturada de uma comunidade terapêutica, portanto, o nosso objetivo seria a inserção profissional, encontrar um espaço habitacional... Mas já tivemos pessoas com 18 meses, assim como outras que abandonam antes dos seis.

E o que fazem aqui os utentes?

Têm todo o dia estruturado. Desde que se levantam, têm atividades de rotinas diárias, de organização da imagem, limpeza da casa; trabalhamos a vertente mais emocional e sentimental, o seu projeto de vida e são direccionados para as atividades de ocupação, como a carpintaria, em que tentamos que trabalhem algumas competências pré-profissionais, o cultivo e as refeições, que são confeccionadas por eles... Basicamente, têm a casa para tratar, o que significa que têm o dia bem preenchido.

Pagam para estarem aqui?

Sim, 120 euros por mês.

E se não puderem?

Pois, como a maioria. Existem os apoios da Segurança Social e da autarquia, como qualquer outro utente que esteja numa situação de fragilidade. Aliás, a grande parte dos nossos utentes é beneficiária do RSI e, quando vem de uma comunidade, esse valor está suspenso e, à sua entrada neste projeto, não podem dispor do mesmo. Muitas vezes, é a nossa instituição que o vai adiantando para aquilo que é para eles essencial, como a medicação, deslocações a consultas...

E como sobrevivem face a todas estas despesas?

Temos financiamento do SICAD, cujo financiamento nos primeiros tempos servia apenas para pagar a técnicos... Entretanto, fomos produzindo informações e relatórios e, na última candidatura, a verba foi alargada e, neste momento, já conseguimos fazer face aos compromissos, apesar de a comparticipação ser de apenas de 80%, cabendo à instituição suportar ou angariar os restantes 20%.

Existe algum modelo terapêutico que sustente o vosso processo de intervenção?

Não recorremos a qualquer modelo padrão... Eu venho da área da psicologia e confesso que, quer eu, quer a minha colega, quando agarrámos este projeto, éramos ainda muito inexperientes nesta área mas fomos crescendo. E à medida que fui conhecendo outras formas de atuar, pessoalmente, não me faz muito sentido implementar um modelo específico porque cada ser humano tem a sua particularidade.



E estarmos a inculir “aquele” modelo estruturado não funciona. Fomos percebendo que temos que olhar para cada um dos nossos utentes como um ser individual, com objetivos, necessidades, emoções e sentimentos individuais.

Têm casos de sucesso na reinserção de utentes?

Sim, temos. São os nossos orgulhos e continuam a recorrer. Essencialmente essas pessoas que fizeram um percurso bem-sucedido, continuam a procurar-nos, a darem-nos boas novas sobre a situação que vivem lá fora, quando a situação aperta... São pessoas que levam isto como referência.

Fecham-lhes a porta na recaída?

Não. Já tivemos situações de reentradas...

Que capacidade têm em número de utentes?

Temos capacidade para seis utentes do sexo masculino. E talvez seja por isso que funcionamos. Somos apenas duas técnicas, o financiamento também é muito inferior ao de uma comunidade terapêutica... e, du-

rante o período da tarde, ainda recebemos utentes de OTL que vêm do exterior... Para podermos trabalhar com a individualidade e particularidade, tem que ser com o número como este... Numa comunidade com 20 pessoas não se consegue ir ao particular com estes recursos.

Quais são os principais consumos que afetam o vosso público alvo?

Neste momento, maioritariamente os utentes encaminhados têm problemas relacionados com o álcool, na casa dos 50 anos, com escolaridades reduzidas.

Podem outras pessoas, com outro tipo de problemas, recorrer a esta instituição?

Sim, temos o registo do OTL, que funciona de segunda a sexta-feira das 14 às 18h. São pessoas que vêm cá para se ocuparem, se precisarem de algo, para estarem em contacto connosco... são trabalhadas competências básicas ao nível pessoal e social. Aqui, o objetivo não é tanto parar os consumos mas tentar pelo menos reduzi-los e adoptar uma intervenção de minimização de danos.

